

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação



FABIANNE MARIA QUAGLIA PEREIRA

BRINCADEIRA E EDUCAÇÃO INFANTIL: Fundamentos e possibilidades no trabalho  
pedagógico

Rio de Janeiro

2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro

FABIANNE MARIA QUAGLIA PEREIRA

BRINCADEIRA E EDUCAÇÃO INFANTIL: Fundamentos e possibilidades no trabalho  
pedagógico

Monografia de Conclusão de Curso  
apresentada ao Curso de Licenciatura Plena  
em Pedagogia da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura Plena em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deise Arenhart

Rio de Janeiro

2017

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado força e coragem durante toda essa jornada.

Aos meus amados pais Débora e Flávio, pelo amor, apoio, por acreditarem e investirem em mim.

Aos meus irmãos, Flávio e Danielle, que sempre me incentivaram a não desistir dos meus objetivos.

A todos os professores do curso que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado e que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Em especial à minha professora orientadora Deise Arenhart, agradeço por toda a dedicação e paciência na elaboração desse trabalho e estar à disposição para me ajudar e ensinar.

Aos meus amigos de graduação por compartilharem todos os momentos comigo no decorrer do curso.

Às professoras da banca examinadora pela presença e pelo apoio.

## Porque todas as crianças precisam brincar (muito?) (Gilka Girardelo)

Brincando, elas  
aprendem a escolher: uni-duni-tê.  
aprendem a imaginar: esta poça d'água vai ser o mar.  
aprendem a perseverar: caiu o castelo, vou fazer de novo.  
aprendem a imitar: eu era o motorista - brrrrrum.  
aprendem a criar: dou um nó aqui, outro aqui e tá pronto o circo.  
aprendem a descobrir: misturei amarelo e azul, olha o que deu.  
aprendem a confiar em si: olha o que eu consegui fazer. (...)  
aprendem a fantasiar: daí a gente voava.(...)  
aprendem a partilhar: tira, bota, deixa ficar.  
aprendem a inventar: essa tampinha de garrafa vai ser o pratinho deles.  
aprendem a pensar logicamente: joga a bola pra ele!  
aprendem a pensar narrativamente: vou te contar.  
aprendem a interagir: posso brincar com vocês?  
aprendem a cooperar: dá a mão que eu te ajudo.  
aprendem a questionar: será que é assim mesmo?  
aprendem a memorizar: vamos ver quem pula corda até cem?  
aprendem a conhecer suas forças: deixa que eu defendo.  
aprendem a conhecer seus limites: tô com medo.  
aprendem a encorajar: vem que eu te seguro.  
aprendem a fazer julgamentos: assim não vale.  
aprendem a analisar: os grandes aqui, os pequenos ali.  
aprendem a devanear: hã?  
Entre outras razões, porque brincar é o principal jeito de as crianças aprenderem.  
aprendem a compaixão: dá a mão que eu te puxo.  
aprendem a fazer analogias: aquela nuvem não parece um cavalo?  
aprendem a organizar: óh que legal a minha fila de carrinhos.  
aprendem a fazer cultura: vamos brincar de inventar piada?  
aprendem a compartilhar: pega essa boneca que eu pego aquela.  
aprendem a perdoar: tudo bem, já passou.  
aprendem a desbravar: vamos ver o que tem lá?  
aprendem a construir: era uma vez uma cidade assim.  
aprendem a destruir: vamos desmanchar pra fazer outro.  
aprendem a sentir: fiquei com o olho cheio d'água.  
aprendem a rir: ra-ra-rá, lembra aquela hora?  
aprendem a ver: você tá triste?  
E muito mais. Mais que um jeito de aprender, brincar é o jeito de as crianças serem. Não é uma coisa que possa ser substituída, reembolsada amanhã ou uma preparação para o futuro. As crianças precisam brincar hoje e todos os dias de sua infância. Todas as crianças, no mundo inteiro, têm o direito de aprender essas coisas e de ser plenamente assim. Se não brincarem – muito – quando crianças não conseguirão aprender (nem ser) direito depois. E todos os adultos do mundo tem que aprender melhor o que as crianças, mesmo sem perceber, têm pra nos ensinar.

## **RESUMO:**

Esta monografia trata de um dos assuntos fundamentais para a Educação Infantil: a importância do brincar. O estudo tem por objetivo compreender como a brincadeira favorece o desenvolvimento da criança e se torna experiência de cultura na infância, particularmente na Educação Infantil. A partir disso, busca-se também compreender como a brincadeira pode fazer parte do cotidiano pedagógico nas suas expressões de faz-de-conta, atividade lúdica e jogo e qual é o papel do professor na brincadeira. O trabalho foi produzido a partir de uma revisão bibliográfica, tendo em Lev Semenovich Vigotski, William Corsaro, Gilles Brougère, Manuel Sarmiento e Ângela Borba as principais fontes da pesquisa. A pesquisa reitera a importância do brincar como eixo do trabalho na Educação Infantil, como indicam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e destaca o papel fundamental do professor na organização de tempos e espaços para brincar, na observação e participação nas brincadeiras das crianças.

**Palavras - chave:** brincadeira, educação infantil, trabalho pedagógico.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO I: A brincadeira como fator de desenvolvimento e experiência de cultura ....	8
1.1- Brincadeira e desenvolvimento humano .....	8
1.2 - Brincadeira e culturas infantis .....	10
CAPÍTULO II – A brincadeira na Educação Infantil .....	15
2.1- A concepção da Educação Infantil nas Diretrizes Curriculares Nacionais/09 .....	15
2.2 - Brincadeira, jogo e atividade lúdica .....	19
2.3 - A brincadeira como eixo do trabalho na Educação Infantil: implicações pedagógicas e o papel do professor .....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	26

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa desenvolvida a partir de referências bibliográficas. Para expor a necessidade da brincadeira na formação integral da criança, este estudo analisa como a brincadeira contribui para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, dando ênfase à importância da inserção do brincar nesta etapa da Educação Básica.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, possuindo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei nº 9.394/96, art. 29).

No processo de educação, a criança é um sujeito histórico e de direitos. Ela se desenvolve pelas relações e práticas educativas e pelas interações estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades. Essas interações e práticas fundamentam-se na relação entre o cuidar e o educar e na valorização do brincar como meio de expressão e de desenvolvimento da criança.

Sempre tive uma identificação com a Educação Infantil. Essa sempre me cativou e me chamou atenção. Ao entrar na faculdade e ao cursar disciplinas ligadas a esse segmento minha admiração, apreço e curiosidade só aumentaram. Do segundo ao último período estagiei em uma escola particular na zona sul do Rio de Janeiro e pude vivenciar e refletir sobre as teorias e observar muito as crianças. Lá pude perceber que as brincadeiras eram vistas como forma de promover experiências de aprendizados e não somente como passatempo, isso me chamou muita atenção.

No entanto, de forma geral, ainda é muito comum a brincadeira ocupar um lugar marginal nas rotinas das escolas e da Educação Infantil e no cotidiano ser desvalorizada. Se faz necessário que esta desvalorização seja modificada e que o professor compreenda o processo da brincadeira como forma de aprendizagem e experiência de cultura. Dessa forma se dá a relevância dessa pesquisa.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009) a brincadeira é inserida como eixo do trabalho pedagógico. Como dito, ela ainda é vista, na prática, de forma marginal, mas está sendo valorizada no principal documento orientador da Educação Infantil no Brasil. Procuro, assim, responder: Por que a brincadeira é eixo do trabalho pedagógico na Educação Infantil? Qual sua importância? Como a brincadeira pode entrar no cotidiano e no planejamento do professor? De que forma? Quais as diferenças entre jogo, brincadeira e atividade lúdica? Qual o papel do professor nesse processo?

De forma a buscar responder as perguntas dessa pesquisa, esse trabalho está assim organizado: no primeiro capítulo abordo a brincadeira como fator de desenvolvimento humano e experiência de cultura infantil. No segundo capítulo trato da brincadeira na Educação Infantil a partir da concepção de Educação Infantil expressa nas Diretrizes Curriculares Nacionais; a diferença entre brincadeira, jogo e atividade lúdica e busco compreender a brincadeira como eixo do trabalho e suas implicações pedagógicas e o papel do professor. Por fim, são expostas as considerações finais acerca do trabalho exposto.



## **CAPÍTULO I: A BRINCADEIRA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO EXPERIÊNCIA DE CULTURA**

Neste capítulo, farei uma discussão sobre a brincadeira na perspectiva do desenvolvimento humano e das culturas infantis.

### **1.1 - Brincadeira e desenvolvimento humano**

Começarei abordando a brincadeira como fator de desenvolvimento humano, que é estudado pelo Lev Semenovich Vigotski, principal representante da teoria histórico-cultural.

Vigotski (2008) entende o desenvolvimento psicológico da criança como um processo de natureza cultural. Considera que a criança desenvolve-se essencialmente através da atividade do brincar. Para o autor, apesar de a brincadeira não ser aspecto predominante na infância, é um fator muito importante no desenvolvimento da criança. As crianças podem nos mostrar como são, como pensam, agem e também como percebem o mundo que as cerca através delas.

O autor apresenta a brincadeira como eixo principal do desenvolvimento na idade pré-escolar, levando em conta as necessidades que mudam com a idade, compreendendo que na brincadeira realizam-se as necessidades delas, “os impulsos para a sua atividade, isto é, seus impulsos afetivos” (VIGOTSKI, 2008, p.23).

Para ele, o brincar é uma atividade humana criadora, onde a imaginação é o alicerce desse processo que se manifesta nos momentos da vida cultural e social, incluindo também a criação artística, técnica, e outras. Assim, o brincar não é apenas promotor de diversão e prazer, mas principalmente como uma atividade fundamental para o desenvolvimento como ser humano.

Vigotski (2008) destaca que a brincadeira manifesta-se por conta das necessidades não realizáveis de modo imediato. Para resolver sua necessidade de realização de seu desejo, a criança se envolve em um mundo imaginário, onde suas vontades podem ser realizadas no momento em que quiser. Para o autor, isso ocorre devido ao fato de que, antes dos três anos de idade, a criança tem relação direta com objetos e com o mundo social e a busca de atender

desejos de modo imediato. Depois dessa idade, pela irrealização de alguns desejos e necessidades, há a busca pelo imaginário, criando-se o brincar.

Vigotski se refere ao jogo de papéis ou à brincadeira de “faz de conta”, que é comum às crianças que aprendem a falar e que representam simbolicamente e se envolvem em uma situação imaginária.

A imaginação é uma atividade consciente, que se manifesta originalmente da ação, e é especificamente humana, ou seja, não está presente nos animais nem na criança muito pequena. Por isso, a participação da criança muito pequena numa situação imaginária é impossível. Ela tende a querer satisfazer seus desejos imediatamente: “ninguém jamais encontrou uma criança muito pequena, com menos de três anos de idade, que quisesse fazer alguma coisa dali a alguns dias, no futuro” (VIGOTSKI, 1984, p.106).

Segundo o autor, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas através do brinquedo. Na fase pré-escolar, há uma diferenciação entre os campos de significado e da visão. Antes, o pensamento era determinado pelos objetivos do exterior, depois passa a ser regido pelas ideias.

Nessa direção, o autor esclarece que a criança poderá utilizar materiais para retratar uma realidade ausente, por exemplo, papéis como dinheiro, uma vareta de madeira como espada etc. Assim, a criança é capaz de abstrair as características dos objetos reais e se detém no significado definido pela brincadeira.

Então, o brincar, segundo o autor, é causado pela necessidade da criança agir em relação ao amplo mundo dos adultos e não somente ao universo dos objetos que ela tem ao seu redor. Ela cria uma situação imaginária para satisfação de seus desejos não realizáveis.

Toda situação imaginária possui regras de comportamento que condizem com aquilo que está sendo representado. Não uma regra explícita, mas uma regra que a própria criança cria. Por exemplo, ao brincar de casinha e desempenhar o papel de mãe, ela irá obedecer às regras do comportamento maternal. Ao desempenhar com proximidade aquilo que observa da realidade faz com que ela atue num nível superior ao que se encontra. Por isso, segundo Vigotski, a brincadeira é fonte desenvolvimento, pois empurra a criança para frente, de modo que ela experimenta comportamentos que ela não experimentaria se não fosse pela situação simbólica.

O autor esclarece que, à medida que a criança vai se desenvolvendo, junto ocorre uma modificação. Primeiro, predomina a situação imaginária e as regras estão ocultas, ou seja, não explícitas (é o que acontece no faz-de-conta); quando ela vai ficando mais velha, predominam as regras explícitas e a situação imaginária fica oculta (é o que acontece com o jogo de regras).

Como citado, há uma distância entre o comportamento na vida real e o comportamento da criança na brincadeira. A atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras criam uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), uma vez que estimulam conceitos e processos em desenvolvimento.

Então, a brincadeira se relaciona com o desenvolvimento na medida em que cria a ZDP. O conceito dessa zona refere-se à distância entre o nível de desenvolvimento real ou atual, que é aquilo que a criança já é capaz de fazer de forma independente e o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, aquilo que a criança é capaz de realizar a partir da colaboração de adultos ou outras crianças mais capazes. Portanto, nas palavras de Vigotski (1998, p. 134-135),

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

A brincadeira e as interações são, portanto, muito fortes para promover o desenvolvimento, pois provocam que a criança se comporte para além de sua idade, tanto pelo potencial imaginário como pela possibilidade de interagir e aprender com amigos mais experientes.

## **1.2- Brincadeira e culturas infantis**

Para discutir sobre a brincadeira como produção de cultura infantil, utilizarei as reflexões de William Corsaro, Manuel Sarmiento, Julie Delalande, Deise Arenhart e Gilles Brougère.

Sendo assim, um conceito importante utilizado por William Corsaro é a “reprodução interpretativa”. Segundo ele, o termo interpretativa indica o fato de que “as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças.” (CORSARO, 2009, p.31). Dessa maneira, evidencia a influência mútua que ocorre entre crianças e adultos, quer dizer, para produzir suas culturas, as crianças apreendem algumas informações do mundo adulto.

E o termo reprodução significa que “as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural” (ibidem) e que também “são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros”. (ibidem). O autor mostra que as crianças produzem culturas e que este processo é uma imitação do mundo adulto e também uma apreensão criativa. Isso nos ajuda a compreender a relação entre criança e cultura.

Corsaro compreende a criança como agente e co-construtora de seu desenvolvimento e o adulto deve atuar como parceiro da criança em sua construção de mundo. Um conceito utilizado pelo autor é o de “cultura de pares” que ele define como “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares.” (CORSARO, 2009, p.32). Ou seja, as interações entre as crianças são vistas como manifestações de produção da cultura infantil, pois através delas as crianças vivem experiências de acordo com os interesses e as preocupações próprias de seu grupo social.

Essas ações e formas culturais não nascem espontaneamente; elas se formam no mútuo reflexo das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações entre pares. Sobre cultura de pares, Sarmiento (2003) argumenta que a mesma possibilita às crianças apropriarem-se do mundo que as rodeia e, também, reinventá-lo e reproduzi-lo, em uma coexistência que permite “exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano” (SARMENTO, 2003, p.14), visto que as crianças são produto e produtoras de cultura, ao mesmo tempo, pois elas não apenas reproduzem ou imitam o mundo dos adultos, mas dele se apropriam criativamente, dando-lhe sentido ao seu modo.

Nessa direção, Julie Delalande (2001, 2006), pesquisadora sobre o estudo da infância e suas culturas, diz que cultura infantil é “um conjunto de conhecimentos, saberes, competências e comportamentos que uma criança deve adquirir para participar de um grupo de pares” (DELALANDE, 2006, p. 270).

Delalande (apud Arenhart, 2007) afirma que no centro da cultura infantil se encontra a cultura lúdica que, transmitida e modificada de geração a geração, permite às crianças que não se conhecem encontrar-se e reconhecer-se por possuírem o mesmo patrimônio lúdico. A cultura lúdica, segundo ela, vai sendo reinventada pela apropriação das crianças, de modo que estas participam na transformação progressiva dos jogos.

Ela ressalta que a cultura infantil também é composta de saberes que regem as relações sociais: saber se fazer aceitar no interior de um grupo, se fazer respeitar e dirigir um grupo quando se é um líder. Trata-se de desenvolver competências que mostram valores reconhecidos pelo grupo de pares como, por exemplo, atenção ao outro, o carinho, a gentileza, a fidelidade dentro do jogo.

Os estudos sobre as culturas infantis (CORSARO, 2009; SARMENTO, 2003; DELALANDE, 2006; ARENHART, 2012) têm indicado o brincar como a principal experiência pela qual as crianças constroem suas culturas infantis, ou suas culturas de pares. Como Arenhart (2012) salientou, podemos compreender que, segundo Delalande (2001), há duas abordagens sobre o brincar em relação às culturas da infância: a primeira é a brincadeira como fato de cultura referente aos saberes dominados, construídos e partilhados pelas crianças sobre o brincar: tipos de brincadeiras, regras, modos de organização, significações, ou seja, um elemento cultural que as crianças se identificam na comunidade infantil. E a segunda abordagem apresenta a brincadeira como contexto no qual a cultura de pares se manifesta, ou seja, se utiliza mais do espaço da brincadeira, isto é, do contexto, para destacar as relações de sociabilidade criadas pelas crianças em suas relações de pares.

Outro autor importante que discute a relação entre brincadeira e cultura é Gilles Brougère. Para ele, a cultura lúdica é composta por certos esquemas como formas linguísticas, verbos no imperfeito, tom de voz, regras de jogo, isto é, práticas que são adquiridas e construídas pelas crianças brincando, que quando reconhecidas pela criança, permitem-lhe iniciar e participar da brincadeira.

Tanto as práticas e artefatos culturais propostos pelos adultos como e, principalmente, as interações sociais com outras crianças por meio das brincadeiras é que vão colocando a criança em contato com a cultura lúdica. Portanto, a brincadeira é, por excelência, o espaço de construção da cultura lúdica e as crianças são os principais construtores, perpetuadores e detentores dessa cultura. (ARENHART, 2012, p 220-221)

Ainda para Brougère, a brincadeira é “um processo dinâmico de inserção cultural sendo, ao mesmo tempo, imersão em conteúdos preexistentes e apropriação ativa”. (BROUGÈRE, 2008, p.49). Através da brincadeira a criança vive a cultura que a cerca “tal como ela é verdadeiramente, e não como ela deveria ser”. (idem, p.59). Portanto, a brincadeira é uma atividade livre, sem limitações.

Dado que “não se origina de nenhuma obrigação senão daquela que é livremente consentida, não parecendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona” (BROUGÈRE, 2008, p.61), a brincadeira infantil é considerada como um fim em si mesmo. A socialização da criança está relacionada às múltiplas interações de acordo com as pessoas e o ambiente que a cercam e algumas dessas interações tomam a forma de brincadeira.

A socialização permite a integração da criança ao meio em que vive, além de permitir estabelecer comunicação com os outros membros da sociedade e a brincadeira permite a apropriação dos códigos culturais pela criança.

Nessa direção, o autor aborda a dimensão cultural, enfatizando que a brincadeira é “uma confrontação com a cultura”. (BROUGÈRE, 2008, p.76). Na brincadeira, a criança se apropria de conteúdos de sua cultura, atribuindo-lhes uma significação. No entanto, é necessário um apoderamento do mundo exterior, que passa por transformações e adaptações, até se transformar em uma brincadeira de fato.

Portanto, para o mesmo autor, a brincadeira é um meio de a criança entrar em outro universo, seja ele de aventura ou de exploração, podendo assim escapar da sua vida cotidiana. Um exemplo de um meio em que a criança rompe com o cotidiano e entra no imaginário, em um mundo de aventura e exploração, é a brincadeira de guerra.

No meu estágio observei que, quando aparece a brincadeira de guerra em sala de aula, um hábito muito comum dos professores é a proibição. Será essa a melhor forma de agir? Como vimos com Brougère, a brincadeira é uma necessidade, não é preparação para nada no

futuro, é uma forma de viver o presente. Essa forma de brincar, o criar regras acontece com uma referência, com relação ao mundo adulto.

Por isso, enquanto professores é importante que desnaturalizemos essa atitude, pensar se a proibição é a melhor maneira; ou então, se a brincadeira estiver muito violenta, intervir e problematizar com as crianças o que estão vivendo e reproduzindo por meio do brincar, e não proibir por si só.

Assim, podemos compreender as crianças e seus pontos de vista, destacando os estudos das culturas infantis, com base no reconhecimento das crianças como atores sociais e produtoras de cultura. As crianças em suas relações de pares se socializam, aprendem e produzem cultura com base no que constroem e partilham entre si.

## **CAPÍTULO II: A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

No desenvolvimento infantil, que é um processo de mudança, a criança desenvolve seu potencial físico, mental, emocional e social. O desenvolvimento de cada um desses fatores deve acontecer simultaneamente, através de uma ação mútua com o ambiente da criança, e deve ser visto como um processo de existência contínuo. A brincadeira é uma forma rica de favorecer o desenvolvimento da criança. Devem-se ampliar cada vez mais as vivências da criança com o ambiente físico, brinquedos, brincadeiras e com outras crianças.

Ressaltando que a criança aprende muito mais brincando e considerando a Educação Infantil como a primeira etapa do processo educacional, podemos compreender que o brincar é essencial para seu desenvolvimento. O mundo em que a criança vive é descoberto por elas através de brincadeiras dos mais diversos tipos.

A brincadeira tem sido compreendida como um recurso pedagógico extremamente importante, uma vez que traz benefícios para o desenvolvimento individual. Brincando, a criança recria e interpreta o mundo em que vive, se relaciona com esse mundo e aprende nele e com ele, além de se divertir.

Assim, nesse capítulo, vou discutir, mais especificamente, a brincadeira como eixo do trabalho pedagógico na Educação Infantil, buscando pensar o papel do professor e as várias possibilidades de trabalho com o brincar no cotidiano das creches e pré-escolas.

### **2.1 - A concepção da Educação Infantil nas Diretrizes Curriculares Nacionais/09**

Por muito tempo a criança não era considerada nas suas especificidades. Hoje, essa visão está em processo de mudança e ela é considerada em todas as suas particularidades, com identidade pessoal e histórica. A criança passou a ser valorizada.

Com isso, a visão sobre a Educação Infantil também mudou. Se, na sua gênese, dominava uma perspectiva assistencialista, hoje tem uma proposta pedagógica relacionada ao educar e cuidar, buscar atender a criança de forma integral em suas especificidades, tais como psicológica, emocional, cognitiva e física que devem ser respeitadas.



A partir da Constituição de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, começaram os avanços na Educação Infantil. Com a Constituição de 1988, pela primeira vez no Brasil, foi reconhecido um direito próprio da criança pequena, o direito à creche e à pré-escola. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069/julho de 1990, em seu artigo 54, o Estado tem o dever de oferecer atendimento em creches e pré-escolas para crianças de zero a cinco anos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) define a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. Essa etapa é destinada ao desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, perpassando pelos aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, reforçando a presença da família e da comunidade na vida das crianças.

A Lei Federal 11.114/05 determinou a faixa etária de zero a cinco anos para a Educação Infantil, devendo a criança ser devidamente matriculada no Ensino Fundamental com seis anos de idade e tornando esse, um ensino de nove anos, ou seja, diminui um ano na Educação Infantil, aumentando um ano no Ensino Fundamental.

Em decorrência dos progressos da educação e com a formulação dos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil (RCNEI, 1998), as instituições de ensino da infância passaram a se preocupar com a formulação de um currículo voltado para o desenvolvimento e formação integral da criança, visando, principalmente, o uso de brincadeiras, brinquedos e jogos para a construção social e aquisição de novos conhecimentos, habilidades e aprendizagens.

Outra conquista importante do ponto de vista político pedagógico da Educação Infantil foi a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2009. Esse é um documento normatizador, ou seja, é uma norma, não para ser reproduzido, mas ele referencia os currículos. Tem caráter de fixar princípios pedagógicos para orientar o trabalho da Educação Infantil no Brasil.

Segundo o artigo 3 das Diretrizes Curriculares, podemos entender que o currículo da Educação Infantil é visto como

Um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

O termo currículo associado à Educação Infantil, nem sempre foi aceito e utilizado. A proposta pedagógica da Educação Infantil é a orientação das ações que se pretendem realizar com as crianças na instituição. O currículo, nesse caso, é a promoção de diferentes atividades que visam o desenvolvimento da criança integrando-a ao grupo, porém, respeitando e garantindo sempre a sua individualidade.

Nesse sentido, torna-se necessário que a Educação Infantil promova o desenvolvimento integral da criança fundamentando-se nos princípios éticos, políticos e estéticos, onde a ludicidade é disposta como um dos fatores para a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos/linguísticos e sociais, assim definidos e explicados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI/09 (BRASIL, 2009).

Apesar disso, percebe-se que a escola, na visão da intensa necessidade de trabalhar conteúdos, desconsidera o ato de brincar como aliado importante da prática pedagógica da educação infantil, apesar de existir referência ao brincar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) e nas DCNEI/09.

De acordo com as DCNEI/09 é primordial que seja valorizado e incentivado o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito com nossas crianças. Viver em sociedade, interagir com outras pessoas, significa compreender que todos devem trabalhar em busca do bem comum, manifestando seus desejos e opiniões e construindo atitudes que visem à harmonia na convivência.

Para que haja uma Educação Infantil de qualidade, as crianças precisam ser entendidas como seres históricos, que agem e transformam sua própria realidade. A Educação Infantil objetiva ser um espaço cotidiano de interação onde todas as artes e experiências sejam desenvolvidas, em integração com as famílias das crianças. É o lugar privilegiado para descobrir, interagir, viver, se emocionar e se relacionar.

Através da análise da inserção do lúdico, sob a forma de jogos e brincadeiras, na escola, e seus benefícios para a promoção de experiências significativas com as crianças, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) definiram a brincadeira como um dos eixos norteadores do currículo da Educação Infantil.

Durante a infância, as brincadeiras facilitam o desenvolvimento da resistência física, da força, da coordenação motora, além do favorecimento da socialização, pela atuação em várias esferas sociais que se constituem para a vida afetiva. Nessa perspectiva, podemos colocar as brincadeiras como constituinte de fundamental necessidade na base da educação da criança na Educação Infantil.

Ainda nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (2009), o capítulo 11 do documento, cujo título é Práticas Pedagógicas da Educação Infantil, sugere, a partir desses eixos das brincadeiras e das interações, que as práticas na Educação Infantil sejam capazes de cumprir objetivos, tais como:

(...) Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical. (...) possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (...) incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. (BRASIL, 2009, p.25-26)

O artigo 6º das Diretrizes, diz que as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2009)

E esses princípios possuem relação com a brincadeira, pois essa permite que as crianças passem por eles. A brincadeira é estética, uma vez que tem um princípio artístico de criação, que está dentro do brincar. Reside ética, porque nela há um compromisso com o outro, para brincar as crianças precisam estar desenvolvendo relações de solidariedade, respeito e de regras sociais coletivas. E é política, visto que transforma a realidade, possibilita ir além do seu real e criar outras realidades.

O documento ainda afirma que as creches e pré- escolas são responsáveis por integrar tais experiências propostas na elaboração de seus currículos, levando em consideração suas características, identidade e particularidades.

## **2.2 - Brincadeira, jogo e atividade lúdica**

As diferenças entre brincadeira, jogo e atividade lúdica ainda despertam muitas dúvidas, pois cada um deles possui vários significados. Irei diferenciar tais termos e práticas e também explicá-los de forma breve.

No programa Salto para o Futuro pela TV Escola em maio de 2008, Cristina Porto utiliza definições do Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1ª edição, 1975), de Aurélio Buarque de Holanda para tal diferenciação. O texto da autora faz parte da série Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas (2ª edição).

Assim, Porto (2008), nos mostra que, no dicionário citado acima, a concepção de brincadeira está relacionada à ideia de que brincar é criar laços. O termo brinquedo é indicado como objeto que serve para as crianças brincarem; jogo de crianças; divertimento, e passatempo. E ainda brincar como “divertir- se infantilmente; entreter- se em jogos de criança ou ainda recrear- se, entreter- se, distrair- se, folgar”. (2008, p.33)

Desse modo, a brincadeira é considerada como uma aprendizagem social, na qual a criança é inserida, ainda bebê, pelo adulto, na cultura. Esse ato causa uma relação de parceria entre a criança e o adulto e ela aprende a reconhecer algumas características do ato de brincar. Essa aprendizagem deve acontecer informalmente, pois se o adulto utilizar métodos para ensinar a criança como brincar, poderá destruir a brincadeira.

Para Porto (2008), podem ser consideradas como características essenciais da brincadeira: aspecto fictício; troca de papéis; repetição, mostrando que a brincadeira não muda a realidade, já que a mesma pode ser reiniciada; e há a necessidade de acordo entre os parceiros.

Aos poucos, com o passar do tempo, as crianças utilizam estas estruturas que definem a atividade lúdica e brincadeira e aprendem a utilizá-las em novos contextos, de novas formas, jeitos, sozinhas ou em grupo.

Para Porto (idem) a brincadeira é um processo de relações da criança com o brinquedo e com outros parceiros, sendo assim, um processo de cultura. Ao brincar, a criança acumula, desde bebê, as experiências que vão construindo sua cultura lúdica. E vai desenvolvendo dado que ela participa de brincadeiras com outros parceiros, podendo ser crianças ou adultos, pela observação e manipulação de objetos de jogo. Por isso, como vimos no primeiro capítulo com Vigotski, a brincadeira é uma atividade eminentemente social, é aprendida e desenvolvida na interação com o outro.

Vale ressaltar que existe uma diferença entre brincadeira e atividade lúdica na Educação Infantil. A atividade lúdica é uma atividade que não é uma brincadeira nem um jogo, mas sim uma atividade proposta pelo professor que tem como eixo mobilizador um elemento da brincadeira, do imaginário para atrair as crianças. A atividade pode surgir da observação das brincadeiras das crianças e do repertório de jogos de regras da cultura do adulto. Tudo o que é significativo para a criança, pode ser inserido numa atividade lúdica proposta pelo professor.

Ainda segundo Porto (ibidem), a utilidade que a criança dá ao brinquedo, a forma como brinca e suas preferências indicam uma produção de sentidos e de ações. As brincadeiras mudam de acordo com a faixa etária, gênero e níveis de interação lúdica. As brincadeiras coletivas e individuais expressam apropriações de conteúdos diferentes.

A autora destaca que o termo jogar pode ser entendido como uma extensão das definições de brincar, mas ele vem sendo usado mais relacionado a passatempos e brincadeiras com regras. O jogo precisa ser interpretado pelos atores sociais e que os mesmos saibam sua função. É organizado por regras explícitas, o que não acontece na brincadeira. Por isso, segundo Vigotski, as crianças começam a conseguir lidar com as regras do jogo somente

próximo da idade pré-escolar, visto que aceitar regras faz parte do desenvolvimento psicológico da criança.

Compreender as diferenças entre as diferentes expressões do brincar se faz necessário na medida em que o professor precisa desse conhecimento para saber em qual momento utilizar cada uma delas ou como fazer a intervenção em uma brincadeira, atividade lúdica ou jogo.

### **2.3 - A brincadeira como eixo do trabalho na Educação Infantil: implicações pedagógicas e o papel do professor**

Brincar é uma experiência fundamental para as crianças da Educação Infantil. A brincadeira, além de promover prazer, potencializa a aquisição de conhecimento, favorece a aprendizagem, assumindo assim, uma função lúdica e ao mesmo tempo, educativa. As brincadeiras podem ser favorecidas pelos professores como propiciadoras de aprendizagem.

A brincadeira faz parte da infância, contribuindo para a aprendizagem; cabe aos professores um olhar diferenciado, cientes de que a brincadeira não é só uma atividade prazerosa e um momento de lazer, mas sim uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento da criança. Dessa forma, é importante que o professor estimule as brincadeiras das crianças, prepare o espaço, intervenha quando for necessário, instigue a capacidade de pensar, observe cuidadosamente o grupo de crianças e favoreça os processos de interação entre elas.

O ato de brincar dirigido é entendido como a atividade lúdica direcionada para fins de aprendizagem e envolve suas capacidades cognitivas, motoras, afetivas, sensoriais, expressivas, entre outras. Com isso, o professor pode propor atividades lúdicas dirigidas que mobilizem as crianças e tenham potencial de exercitar sua imaginação, criatividade, motricidade, raciocínio, etc.

Maior atenção deve ser dada ao jogo simbólico ou a brincadeira de faz-de-conta, que, como vimos, é a principal fonte de desenvolvimento na infância e espaço de relação e construção de culturas infantis. Pela brincadeira (de faz-de-conta), a criança estimula a sua

imaginação e cria situações diárias por meio da imitação, tendo a consciência de seu papel na brincadeira; a criança se expressa, cria um mundo imaginário e exprime todos os sentimentos e angústias da vida real. Outro aspecto importante é a alteração da identidade, onde a criança interpreta um adulto próximo ou algum personagem através do uso de fantasias, criando situações imaginárias e estimulando sua criatividade. Por isso, é importante que se tenha nos espaços de Educação Infantil, suportes como brinquedos, fantasias, objetos em geral que dêem apoio às ações do imaginário infantil.

Pode-se afirmar que brinquedos e brincadeiras estão vinculados com a construção do conhecimento, já que ao brincar a criança constrói símbolos e representações para a sua compreensão de mundo. Brinquedos e brincadeiras devem fazer parte das metodologias de sala de aula, sendo um instrumento fundamental para o processo de aprendizagem. Os professores, ao introduzirem em suas rotinas tempos e espaços para a brincadeira e atividades lúdicas, garantem experiências significativas para as crianças.

O professor deve ter em mente que a brincadeira não é inata. É nos gestos, nas observações, no que se diz, no que se canta com as crianças que elas vão aprendendo esse código do brincar. É de fundamental importância que o adulto se encontre com a criança para brincar, buscando ouvir, observar e conversar com elas para melhor entendê-las e compreender seus anseios e vontades.

A criança precisa ser entendida como um sujeito social, produtor de cultura, que pensa, fala, sente, age e transforma. Não deve ser entendida como o que se pensa saber dela, mas como ela realmente é.

A brincadeira é um fenômeno cultural e é considerado um meio da criança viver a cultura que a cerca; visto que possibilita a apropriação de códigos culturais. A brincadeira é, também, uma prática social que se constrói no encontro com o outro, onde os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas onde “(...) o processo coletivo de brincar envolve a coordenação de ideias, papéis, significados e ações, exigindo constantes negociações e ajustes pelas crianças, sendo, portanto, passível de rupturas.” (BORBA, 2005, p. 123). Essas combinações entre as crianças, no momento em que estão brincando, fornecem elementos importantes à compreensão de como elas percebem e reproduzem a cultura do contexto em

que vivem. Por isso, observar as crianças brincando é fundamental para conhecer melhor as crianças e refletir a própria cultura que as forma (ARENHART, 2017).

É importante frisar que, para que essa aprendizagem aconteça, a criança precisa se sentir segura, protegida e alegre no ambiente escolar, com propostas oferecidas exclusivamente para elas. É importante, também, que o professor brinque, ainda quando bebês, com as crianças. Segundo Arenhart:

(...) Brincar com as crianças permite que o adulto aprenda sobre elas ao deixar-se surpreender com seus saberes, com seus mistérios, com sua diferença, com sua alteridade; ao deixar-se encantar por tanta entrega, desejo e persistência que elas demonstram quando lutam pelo direito de brincar; ao deixar-se guiar por suas fantasias e ao reconhecer nossa pequenez frente aos gigantes que se tornam quando estão brincando. Entregar-se à experiência de brincar com as crianças é, pois, condição para buscar aproximação e inteligibilidade sobre ser criança. É essa experiência que sensibiliza, que inquieta, desestabiliza e transforma nosso olhar adultocentrado para passar a perceber as crianças em sua grandiosidade e alteridade. (ARENHART, 2012, p. 71)

A escola, direito da criança, precisa ser o lugar onde a criança vá buscar a ampliação do seu universo para além do universo familiar. E essa ampliação se dá, primordialmente, por meio do brincar.

Trabalhar na Educação Infantil requer práticas significativas, que promovam uma aprendizagem efetiva, propiciando experiências ricas na vida das crianças, desse modo, exige-se uma postura dinâmica no processo de ensino aprendizagem, procurando ter sempre como princípio conhecer os interesses e necessidades de cada criança, para que, dessa forma, possa ser desenvolvida uma prática educativa de qualidade, sempre observando que a relação educação/infância deve ser um processo cultural, na qual a educação, por meio dos métodos, didáticas e técnicas coerentes faça com que a criança desenvolva relações de respeito mútuo, justiça, solidariedade, igualdade e autonomia, para poder atuar criticamente na sociedade.

Em suma, as implicações pedagógicas se dão na medida em que o cotidiano na Educação Infantil é organizado de forma que tenha a brincadeira como eixo, isto é, garantir tempo e espaço pra brincar, principalmente do faz de conta, pois é a manifestação do brincar que mais tem processos criativos por parte das crianças; que elas podem (auto) gestar essa



experiência sem serem comandadas o tempo inteiro pelo adulto; e é onde elas trazem os seus conteúdos que precisam elaborar para esse momento. Também se (auto) organizam nos seus grupos, sem que o adulto responda por elas ou que faça por elas.

O faz de conta é a manifestação do brincar mais rica no sentido de promover desenvolvimento e experiência de cultura. Além do faz de conta, é papel do professor garantir a perpetuação dos jogos e brincadeiras tradicionais como, por exemplo, jogo com regras, com bola, brincadeira de rodas. E outra forma é do professor estar fazendo as atividades dirigidas a partir da interatividade lúdica, como exemplo, contar uma história de forma lúdica, propor uma atividade por meio do brincar. Estas são formas que, a partir das discussões que os autores trazem, garantem as diferentes manifestações de expressões do brincar no cotidiano. Então, podemos compreender o papel do professor que observa, brinca junto, planeja o espaço e traz o conteúdo das brincadeiras criadas pelas crianças para os projetos de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas, o trabalho indica a importância da brincadeira tanto no desenvolvimento psicológico da criança como para a inserção dela na cultura. A partir disso, justifica a sua inserção, juntamente com as interações, nas Diretrizes Curriculares Nacionais como eixo do trabalho pedagógico na Educação Infantil. Principalmente, por isso, ela deve entrar como primazia no planejamento do professor, sendo que a brincadeira de faz-de-conta deve ter destaque no cotidiano, mas, além disso, as brincadeiras com regas, as atividades dirigidas também são importantes, sendo que o papel do professor é de observar, organizar os espaços, brincar junto, mediar, aproveitar os conteúdos das brincadeiras e propor projetos de trabalho.

Pesquisas como a de Arenhart (2012), que foi ouvir as crianças sobre o que é importante para uma criança ser feliz, indicam o brincar como a resposta que mais aparece nas citações das crianças. Por isso, podemos dizer que brincar é também uma condição de felicidade na infância.

Isso nos leva a entender que, além de ser importante para o desenvolvimento psicológico, social e cultural da criança, a brincadeira é uma forma da criança se realizar, traz integralidade a ela, elas se entregam, estão totalmente imersas naquele momento do brincar. A brincadeira ajuda na produção de alegria para a criança, e isso deve ser levado em conta. O brincar é um direito e não podemos negar esse direito, já que é tão genuíno, é uma forma delas se realizarem, serem felizes.

Reconheço que esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica e pretendo, no futuro, conhecer melhor esse universo do brincar e suas possibilidades de trabalho na Educação Infantil, indo atrás dos rastros das crianças nas instituições de Educação Infantil. Trabalhar com pesquisa que ouve as crianças.

Por fim, recupero novamente o poema que abriu esse trabalho para reiterar que, mais que um jeito de aprender, brincar é um jeito das crianças serem. As crianças precisam brincar muito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENHART, Deise. (2012). **Entre a favela e o castelo: efeitos de geração e classe social em culturas infantis**. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da infância nos espaços – tempos do brincar**. Niterói: UFF, 2005. Tese (Doutorado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.

BRASIL/MEC/SEB. Diretrizes **Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL/MEC/SEB. **Lei no 9.394 de 1996**. Brasília, 1996.

BROUGÈRE, Gilles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. Rev. Fac. Educ., vol.24, n.2. 1998b.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CORSARO, William A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares**. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Org.). Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

DELALANDE, Julie. (2001). **La cour de récréation**. Contribution à une anthropologie de l'infance. Rennes: PUR.

PORTO, Cristina Laclette. Brincadeira ou Atividade Lúdica? In: BRASIL/MEC (2008) **Revista Salto para o Futuro**. Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas (2ª edição). Ano XVIII boletim 07.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel.; SARMENTO, Manuel Jacinto. (Org.). As crianças: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997. p. 9-30.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. (Z. Prestes, trad). Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais/ UFRJ COPPE. Número 8, 2008, p.23-36.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.